

Manifestação de Pombagira: a interseção entre espiritualidade, gênero e raça na identidade afro-brasileira

Natália Rodrigues Stoco¹³⁷

Resumo

Este artigo explora a manifestação de Pombagira na cultura afro-brasileira, a possível interseção social com questões de espiritualidade, gênero e raça. Apontando a sua importância na representação ancestral do Candomblé e da Umbanda. As Pombagiras, representadas e louvadas aqui pela figura de Maria Mulambo, são analisadas como entidades que desafiam normas sociais, patriarcais e racistas, celebrando a força e a resistência das mulheres negras. Através de rituais e práticas espirituais, Pombagira atua como guardiã das memórias ancestrais e como mediadora entre o mundo material e espiritual, subvertendo as expectativas convencionais de gênero e afirmando a identidade afro-brasileira. O artigo também discute conceitos filosóficos africanos como a Cosmosensação e Ubuntu, aplicando-os à compreensão da identidade e da espiritualidade no contexto afro-diaspórico.

Palavras-chave: Pombagira. Gênero. Raça. Cosmosensação. Maria Mulambo.

Abstract

This article examines the manifestation of Pombagira within Afro-Brazilian culture and its social intersections with spirituality, gender, and race. It highlights her significance in the ancestral representations found in Candomblé and Umbanda. The Pombagiras, represented and honored here through the figure of Maria Mulambo, are analyzed as entities that challenge social, patriarchal, and racist norms, celebrating the strength and resistance of Black women. Through rituals and spiritual practices, Pombagira functions as a guardian of ancestral memory and as a mediator between the material and spiritual realms, subverting conventional gender expectations and affirming Afro-Brazilian identity. The article also discusses African philosophical concepts such as Cosmosensation and Ubuntu, applying them to the understanding of identity and spirituality within the Afro-diasporic context.

Keywords: Pombagira; gender; race; Cosmosensation; Maria Mulambo.

Manifestação do Ser Pombagira

Pedacinho de Mulambo para quem tem fé.

A manifestação do “ser” refere-se ao processo pelo qual a essência ou a identidade de um ser se torna evidente ou perceptível no mundo. É como o ser se expressa ou se apresenta, seja através de ações, comportamentos, pensamentos ou presença relacionada à autenticidade de um indivíduo, sendo a expressão genuína de sua identidade e essência, como suas características intrínsecas se traduzem em suas interações com outras pessoas e com o ambiente. Em contextos espirituais ou filosóficos, a manifestação do ser pode também envolver a conexão com aspectos mais profundos da existência, como a alma, o espírito, ou a consciência universal.

A identidade racial é composta por várias camadas que incluem a autoidentificação, a

¹³⁷ Pedagoga (UFRRJ), Mestra em Educação (UFRRJ), Doutoranda em Filosofia (UFRJ). E-mail para contato: nataliastoco.dhrj@gmail.com.

percepção social e as experiências culturais e históricas; é influenciada por fatores sociais e históricos, como a discriminação, a ancestralidade e a representação cultural. Isso inclui a maneira como a raça é vivida e percebida dentro do contexto social mais amplo.

Pambu Nzila ou Pambo Njila é um conceito que pode ser traduzido como “Caminho dos Ancestrais” ou “Caminho da Sabedoria”. Em muitas tradições africanas, especialmente nas que têm influência dos Bakongo e outras etnias Bantu da África Central, este termo se refere ao caminho espiritual ou ao percurso que deve ser seguido para alcançar a compreensão e a conexão com os ancestrais. No Brasil, o termo está relacionado ao Nkisse, entidade divinizada que é associada mitologicamente ao Orixá Encruzilhadas, na cosmogonia Yorubá. Em contextos africanos e afro-diaspóricos, este conceito pode estar relacionado à ideia de que o conhecimento e a sabedoria dos ancestrais são transmitidos por meio de práticas rituais, histórias e tradições que orientam a vida cotidiana e espiritual dos indivíduos e das comunidades.

Pombagira é o termo assimilado à Língua Portuguesa que representa uma entidade espiritual específica nas religiões de matriz africanas no Brasil, especialmente no Candomblé e na Umbanda. Ela é geralmente associada a aspectos de feminilidade e força, e é conhecida por sua personalidade expansiva e desafiadora. A Pombagira atua como uma intermediária entre as dimensões da espiritualidade afro-brasileira, conectando o legado de memória material e imaterial.

Essa conexão é fortalecida por um conceito-potência que, ao reverenciar o passado, assegura o futuro, gerando o porvir, de forma que desafia a concepção ocidental linear e causal de tempo e espaço. Nessa perspectiva, passado, presente e futuro não são temporalidades isoladas, mas se relacionam de maneira interdependente e não linear, atribuindo mutuamente sentido aos acontecimentos. A ideia de *memória*, nesse contexto, não se limita a um vestígio do passado no presente ou ao que restará no futuro; em vez disso, ela dissolve a divisão convencional entre essas temporalidades, refletindo uma ontologia africana no Brasil, como encontrada nos candomblés brasileiros (CUNHA PAZ; PESSANHA; SARAIVA, 2019, p. 114).

A relação entre Pombagira e Pambo Njila pode ser vista na medida em que ambas representam caminhos de sabedoria e ancestralidade, referenciando o caminho dos ancestrais e a conexão espiritual. Pombagira é uma manifestação prática da conexão com as ancestralidades, expressando e negociando as sabedorias ancestrais no contexto da vida cotidiana. Tomando a ancestralidade como um valor fundamental para os povos africanos e afro-diaspóricos, é possível constatar um conceito de memória que se relaciona diretamente com o Orí, um elo profundo com as ancestralidades africanas, descrito por Paz (2019) como “memória, a flecha que rasura o tempo”.

Identificar marcadores políticos de gênero associados às Pombagiras nas tradições afro-brasileiras é constatar a complexa interseção entre as práticas religiosas e as normas sociais, bem como a subversão das expectativas patriarcais e heteronormativas. Esses marcadores refletem a identidade e o poder das “moças”, evidenciando como essas entidades femininas são celebradas e reconhecidas nos contextos de ritual e culto.

Segundo Simas e Rufino (2018), é através do corpo negro em diáspora que emerge o poder das múltiplas sabedorias africanas transladadas pelo Atlântico. O corpo, que foi objetificado e desencantado pelo colonialismo, é essencial para driblar e desafiar a lógica dominante, ao recriar mundos e encantar formas variadas. Assim, o corpo se torna um suporte de saber, memória e vida, ressaltando suas potências nos ritos. Esse entendimento ressalta como as Pombagiras, enquanto entidades femininas, operam na interseção entre poder, gênero e práticas religiosas, desafiando normas e expectativas estabelecidas.

Champanhe, cidra, rosas, roupas de renda, saias rodadas, perfumes, incensos e velas acesas são componentes essenciais dos rituais em que as Pombagiras se manifestam. Esses itens não são apenas símbolos de devoção, mas também atuam como marcadores de gênero e poder.

Nos processos de incorporação, nos terreiros de religiões de matriz africana, as Pombagiras descem à Terra para manifestar seus desejos e participar ativamente dos rituais, onde cantam, bebem, dançam e falam sem restrições de tópicos proibidos. Elas desafiam os padrões ortodoxos e estabelecem novas formas de conduta e expectativas sociais, atuando como mediadoras entre a moral e a ética. Abordam questões de justiça, amor, desejo, trabalho e a interação do cotidiano, criando novas perspectivas que subvertem normas conservadoras.

O conceito de “metáporo”, descrito por Marcondes (2010) como a dissolução das fronteiras entre o observador e o vivido, pode ser aplicado para compreender o papel das Pombagiras. Assim como o metáporo transforma a experiência em testemunho, as Pombagiras desafiam normas estabelecidas e oferecem novas formas de entender as relações sociais e comportamentais, subvertendo tradições e conservadorismos.

Identidade racial e gênero

O gênero é vivido e experimentado em diferentes contextos, e uma vez que isso se relaciona com normas sociais e expectativas culturais, raça e gênero se interseccionam para formar uma identidade complexa, levando em conta como essas experiências interagem e se influenciam mutuamente. Por exemplo, a experiência de uma mulher negra pode ser diferente da experiência de uma mulher branca ou de um homem negro, devido à combinação específica

de raça e gênero.

A construção da identidade racial e de gênero nas religiões afro-brasileiras é um processo de constante negociação entre a autoidentificação e as expectativas sociais. A presença de figuras como as Pombagiras e Maria Mulambo desafia normas estabelecidas ao reivindicar espaço para a expressão da individualidade e da diversidade dentro das práticas religiosas. Através dos rituais, essas figuras reafirmam a complexidade da identidade racial e de gênero, criando um espaço onde os desafios sociais e históricos podem ser abordados e transformados. As manifestações culturais e espirituais dessas figuras oferecem uma alternativa ao discurso dominante, celebrando a pluralidade e a resistência das mulheres negras dentro das tradições afro-brasileiras.

A autoexpressão é como as pessoas expressam sua identidade racial e de gênero através de comportamentos, roupas, linguagem e interações sociais, e isso inclui como essas expressões são aceitas ou desafiadas pelo ambiente social. A identidade racial e de gênero pode se manifestar em diversas práticas culturais e espirituais, como rituais religiosos, tradições e comportamentos, essas manifestações refletem e reforçam a identidade pessoal e social.

A estrutura e a organização da existência, da identidade e da consciência de um ser envolve também aspectos filosóficos, dentre seus aspectos sistêmicos, forjando as estruturas de identidade, consciência e percepção, abrangendo também a experiência espiritual. No interior de práticas culturais e espirituais trata-se de um veículo poderoso para a afirmação da identidade. Em rituais como as giras em espaços de cultos de matriz africana, a expressão das Pombagiras não é apenas uma questão de performance ritual, mas uma manifestação da resistência e da afirmação de poder que desafia as normas patriarcais e heteronormativas. O uso de símbolos como champanhe, rosas e roupas de renda não é apenas decorativo, mas uma afirmação de identidade e autonomia dentro do espaço ritual, estabelecendo um campo de expressão onde as normas de gênero e poder podem ser contestadas e reformuladas.

O conceito de “memoricídio”, conforme discutido por Giselle Beiguelman (2019), pode ser entendido como o esforço deliberado de apagar e silenciar memórias, especialmente aquelas ligadas à violência colonial e às heranças e patrimônios negros. Esse processo visa eliminar qualquer traço que possa simbolizar resistência ou valorização de um passado marcado por luta e identidade. As Pombagiras, nesse cenário, atuam como guardiãs dessas memórias ancestrais, protegendo as mulheres negras das violências que lhes são historicamente impostas. Ao preservar e fortalecer a memória ancestral, as Pombagiras ajudam a manter viva a identidade e a resistência dessas mulheres, funcionando como um escudo espiritual contra as opressões que tentam apagá-las.

Ser cosmológico em consciência e existência

O conceito de ser cosmológico em consciência da existência é intrinsecamente ligado às cosmosensações, um conceito desenvolvido pela socióloga nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (1997). “Cosmosensação” é uma forma inclusiva de entender o mundo que está para além das limitações visuais ou de uma única percepção sensorial, abrangendo uma abordagem mais holística da realidade, típica das culturas iorubás e outras que valorizam a integração dos sentidos. Esse conceito destaca como as Pombagiras, ao se manifestarem e atuarem nos rituais, não apenas rompem com normas sociais estabelecidas, mas também incorporam uma visão cósmica que interage com diferentes dimensões da nossa existência. Elas representam uma consciência cósmica que transcende o tempo e o espaço, trazendo uma compreensão profunda do cosmos que é sentida, vivida, e não apenas visualizada. Assim, as Pombagiras, ao desafiarem os padrões ortodoxos e sociais, exemplificam a cosmosensação ao criar novas formas de conduta e expectativas sociais, permitindo que a experiência espiritual se torne um testemunho dinâmico da interconexão entre o ser e o universo.

Nancy (1986) discute a ontologia do “ser-comum”, que é fundamentalmente relacional e coletivo. Isso ressoa com a ideia de uma topologia do ser baseada na espiritualidade e na ancestralidade, onde a identidade coletiva é construída e vivida em comunhão com os outros, refletindo a interdependência e a conexão espiritual dentro da comunidade.

No contexto das religiões de matriz africana no Brasil, como o Candomblé e a Umbanda, a topologia do ser pode ser aplicada para entender o processo de incorporação, onde um médium, ou rodante, recebe a presença de uma entidade espiritual que, em nossa análise, se refere à entidade ancestral feminina associada a Exu na tradição afro-brasileira, reconhecida como Pombagira.

O rodante, enquanto ser humano, possui uma identidade e uma consciência pessoal que é estruturada por suas experiências, seus pensamentos e suas emoções. Durante o processo de incorporação, essa estrutura é temporariamente expandida ou alterada para permitir a chegada do ente espiritual. O que inclui a capacidade de criar um “espaço” interno para a manifestação da entidade, permitindo uma fusão temporária das consciências. A presença da entidade pode influenciar o comportamento, as emoções e as percepções do médium. Essa troca de energia e influência é uma parte crucial da topologia do ser nesse contexto, mostrando como as entidades espirituais podem moldar e transformar temporariamente a identidade do médium.

Na prática de incorporação durante a gira, o médium-rodante não apenas conecta-se com

a entidade espiritual, mas também reforça a continuidade entre os mundos visível e invisível, um princípio que ecoa fortemente na filosofia africana. A gira, ao mesmo tempo, encena essa continuidade, onde o movimento circular pode ser visto como uma manifestação simbólica da roda da vida e da perpetuação da energia ancestral.

Além disso, a ideia de que o médium se torna um “vazio” para que a entidade possa se manifestar ressoa com o conceito de “comunidade inoperada”, onde o ser é compreendido na medida em que está em relação com o outro – ou, neste caso, com o espírito. O espaço ritual se torna, assim, um *locus* onde se realiza a topologia do ser, compreendida em termos de uma espiritualidade interconectada e coletiva, que é central tanto na cosmogonia afro-brasileira quanto na filosofia africana.

A ideia de uma topologia do ser, como discutida por Nancy (1986) e refletida nas práticas afro-brasileiras, sugere que a existência e a consciência são moldadas pela interconexão com os outros e com o mundo espiritual. A integração das entidades espirituais no processo ritual pode ser vista como uma expansão da consciência e uma reformulação da identidade individual e coletiva. A filosofia africana, com o seu enfoque na interconectividade e na ancestralidade, oferece uma perspectiva que enriquece a nossa compreensão da ontologia do ser, ao incorporar a dimensão espiritual e coletiva da existência. O princípio do Ubuntu, por exemplo, reforça a ideia de que a identidade é um fenômeno relacional, onde o eu só se torna pleno através da comunidade e da ancestralidade.

A filosofia africana, especialmente aquela derivada de tradições Bantu, como o Ubuntu, enfatiza a interconectividade de todos os seres. O princípio do Ubuntu – que pode ser traduzido como “Eu sou porque nós somos” – reflete uma ontologia coletiva em que o ser individual só adquire pleno significado dentro do contexto da comunidade e da ancestralidade. Ramose (1999) destaca que o Ubuntu é fundamental para a filosofia africana, sendo a raiz que sustenta tanto a ontologia quanto a epistemologia africanas. Ele descreve o Ubuntu como uma fonte fluida que conecta o conhecimento africano e que é composto por duas partes: “ubu” e “ntu”. O “ubu” representa a força vital, que é uma condição de possibilidade para o que está por vir, enquanto o “ntu” se refere às existências distintas e particulares. Assim, quando um rodante incorpora uma Pombagira, e as pessoas à volta compreendem a importância da chegada dessa ancestral e a celebram durante a gira, isso se torna o ponto de interseção coletivo entre o mundo visível e o invisível, manifestando essa interconectividade essencial.

Os rituais espirituais, entendidos como “giras”, “funções” e “festas de Pombagira” permitem que essas figuras espirituais femininas sejam manifestadas e celebradas, criando um ambiente onde as mulheres negras podem explorar e expressar diferentes dimensões de seu

poder e identidade. A influência das entidades espirituais na vida das rodantes pode transformar a forma como elas veem a si mesmas e a sua posição no mundo, incluindo uma transformação pessoal que ocorre quando essas energias são integradas e expressas.

As histórias e os atributos da Pombagira oferecem um modelo de libertação e de autoafirmação. Sua presença constante nas práticas religiosas é uma forma de celebrar e afirmar a identidade feminina negra, que é frequentemente desafiada por estruturas sociais opressivas. Na ortodoxia cristã, a figura de Maria é tradicionalmente associada à santidade e à virgindade; nas religiões de matriz africana, Maria é ressignificada, sendo vista como a dona da Calunga pequena, do cabaré e das ruas. Segundo Correia (2024), as Marias das tradições religiosas afro-brasileiras, como Maria Mulambo e Maria Padilha, por exemplo, simbolizam poder e sedução, desafiando normas convencionais e oferecendo novas perspectivas sobre o papel e a força da mulher na espiritualidade afro-brasileira.

Pombagira caminho ancestral

A Pombagira é uma entidade que representa a força, a independência e a capacidade de desafiar e reformular normas sociais, e que simboliza a assertividade de influência e consciência geracional de identidade racial e de gênero através de comportamentos, roupas, linguagem e interações sociais. Isso inclui como essas expressões são aceitas ou desafiadas pelo ambiente social. Maria Mulambo é uma figura espiritual reverenciada nas religiões afro-brasileiras, especialmente na Umbanda, onde é considerada uma Pombagira.

Assim como outras Marias, Maria Mulambo é vista como uma entidade que transita entre o mundo material e o espiritual, atuando nas encruzilhadas da vida, onde decisões cruciais são tomadas. Ela é frequentemente associada a todos que foram marginalizados ou excluídos da sociedade, representando um arquétipo de resistência e resiliência.

O termo “mulambo” deriva de uma palavra de origem bantu que foi apropriada pela língua portuguesa, assumindo uma conotação estereotipada colonial, que se refere a trapos ou restos, desarrumação, desalinho, sujeira. Contudo, no contexto da Umbanda, essa conotação é reinterpretada pela manifestação da entidade, de forma positivada, simbolizando transformação e renascimento a partir da adversidade. Na perspectiva afro-brasileira, diante de uma narrativa de empoderamento, Maria Mulambo encarna uma síntese cultural que reflete a luta dos povos afrodescendentes no Brasil. Essa figura representa o poder feminino que se levanta das margens da sociedade para afirmar sua força e dignidade.

Contrariamente às representações estereotipadas de mulheres negras como submissas

ou servas, Maria Mulambo é vista como uma senhora de si, uma entidade que, apesar das suas origens humildes e sofridas, mantém uma postura ativa e poderosa. Ela resgata a dignidade daqueles que a sociedade despreza, oferecendo-lhes proteção e orientação espiritual. Maria Mulambo enquanto representação da mulher negra desafia as normas e expectativas tradicionais impostas pela sociedade patriarcal e racista. Ela é uma figura de poder e liberdade, que se move com certa desenvoltura entre o sagrado e o profano, a vida e a morte, o positivo e o negativo, o material e o espiritual.

Como Pombagira, Maria Mulambo teve sua história muitas vezes ligada à narrativas de rejeição, exclusão e pobreza, mas esta entidade ressignifica essas experiências como fontes de força, poder. Ela simboliza a mulher negra que, apesar das adversidades, encontra em si mesma a capacidade de se reconstruir e proteger a sua comunidade.

Espiritualmente, Maria Mulambo é procurada para questões de amor, justiça e proteção. Ela é vista como uma defensora dos injustiçados e uma guerreira nas causas dos marginalizados. Sua presença é invocada sob a missão de ensinar aos “vivos”, seus descendentes sociais, para trazer harmonia e resolver conflitos, especialmente aqueles relacionados ao campo emocional, afetivo e estrutural. Maria Mulambo é, portanto, uma figura que sintetiza a complexidade da mulher negra na diáspora africana, refletindo tanto as lutas cotidianas quanto o poder inato que emana das profundezas da experiência afro-brasileira. Seria Maria Mulambo uma mãe preta? Guardiã das encruzilhadas, nas quais o passado, o presente e o futuro se encontram, e onde a transformação pessoal e coletiva é possível. Maria Mulambo é uma figura rodeada de histórias e lendas, transmitidas oralmente através das gerações nas práticas de Umbanda e Candomblé. Essas narrativas variam dependendo da região e da tradição específica, mas todas compartilham a essência de sua força e resiliência.

Calunga é um termo de origem africana, particularmente da língua bantu, que possui múltiplos significados no contexto afro-brasileiro. A palavra pode se referir ao mar (Calunga Grande) ou ao cemitério (Calunga Pequena). Em ambos os casos, a Calunga simboliza o limiar entre a vida e a morte, representando um espaço de transição e contato com o mundo espiritual. A Calunga Grande representa a vastidão do oceano, visto como um portal para o mundo dos mortos e o reino dos ancestrais. O mar é associado à fertilidade, ao mistério e à ligação entre os mundos físico e espiritual. Calunga Pequena refere-se ao cemitério, considerado o lugar onde as almas descansam e de onde podem ser invocadas para interagir com os vivos. É um espaço sagrado, marcado pela presença das energias dos mortos. As Pombagiras são frequentemente associadas aos locais de encruzilhada e ao cemitério, onde elas guardam as almas e atuam como intermediárias entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

Na prática religiosa, Maria Mulambo é vista como uma senhora que tem poder sobre as almas que transitam entre esses dois mundos. Seu papel é proteger, orientar e, em muitos casos, auxiliar aqueles que buscam conexão com o espiritual através dos rituais realizados na Calunga Pequena. O conceito de genocídio descrito por Abdias do Nascimento, que envolve medidas sistemáticas para a destruição de um grupo racial ou cultural, é útil para entender a função das Pombagiras nas práticas religiosas afro-brasileiras. Segundo Nascimento (1978), o genocídio negro se caracteriza por estratégias deliberadas e sistemáticas que visam exterminar ou destruir aspectos fundamentais da identidade de um grupo.

Nesse contexto, as Pombagiras, como Maria Mulambo, atuam como guardiãs das almas, especialmente aquelas marginalizadas e rejeitadas em vida. No cemitério, Maria Mulambo protege e orienta essas almas, oferecendo conexão espiritual e auxílio, o que pode ser visto como uma forma de resistência e preservação cultural frente a esses esforços de destruição sistemática. Calunga Pequena, enquanto um espaço de morte, também é um símbolo de renascimento. Maria Mulambo, frequentemente invocada em rituais que buscam transformação pessoal, representa a possibilidade de renascimento espiritual, mesmo que venha do sofrimento ou da marginalização.

Conclusão

Em sociedades matriarcais, a mulheridade é celebrada e respeitada como uma força central da organização social e espiritual. As práticas e identidades femininas em contextos afro-diaspóricos muitas vezes desafiam as normas estabelecidas, criando novas formas de existência e expressão. O diálogo manifesto com as Pombagiras nos pode oferecer alternativas aos padrões patriarcais e normativos. As Pombagiras representam uma forma de resistência e subversão das normas sociais, evidenciando a identidade feminina como força de transformação e afirmação dentro das religiões afro-brasileiras.

A manifestação do ser, no contexto das tradições afro-brasileiras, pode ser compreendida como a expressão da conexão espiritual profunda que os indivíduos mantêm com suas origens e práticas ancestrais. Segundo Oliveira (2008), a palavra “ancestralidade” revela e esconde os mistérios pronunciados pelos guardiões das memórias e dos costumes locais. Ela mantém viva a tradição em diversas dimensões, como: mito, religião, filosofia, arte e cultura, e guarda os princípios do feminino, masculino, híbrido e coletivo. A ancestralidade, portanto, tem o poder de harmonizar os descendentes com o passado e o presente, refletindo a maneira como os indivíduos nas tradições afro-brasileiras se conectam espiritualmente com suas raízes e práticas.

No Candomblé e na Umbanda, essa manifestação vai além da expressão pessoal e individual, refletindo a integração da identidade espiritual e cultural no cotidiano de seus praticantes. Por exemplo, a incorporação das entidades espirituais femininas, que narram suas próprias histórias, enquanto encarnadas durante os rituais, não apenas manifesta uma identidade ancestral, mas também revitaliza e reconfigura as práticas e crenças coletivas da comunidade. Esta integração não é meramente simbólica, pois ela atua como uma forma de resistência e afirmação cultural, preservando e transmitindo tradições que ainda enfrentam a marginalização e a invisibilidade na sociedade contemporânea.

A figura da Pombagira é uma representação poderosa da identidade e do poder feminino negro nas religiões afro-brasileiras. Sua conexão com a Calunga, tanto Grande quanto Pequena, simboliza o limiar entre a vida e a morte, e a transformação pessoal e coletiva. Sua presença nos ritos ancestrais não apenas desafia estereótipos e normas patriarcais, mas também oferece uma visão alternativa de força e dignidade para as mulheres negras. O artigo evidencia como as Pombagiras, em suas interações e práticas, subvertem normas sociais e afirmam novas formas de existência e expressão. Além disso, reconhecer e valoriza a força e a resistência manifestas através de figuras como Maria Mulambo, que desempenham um papel crucial na transformação social e na redefinição das normas de gênero e raça. As práticas religiosas afro-brasileiras, com sua rica tradição de resistência e renovação, oferecem um campo fértil para a análise das formas de poder e autoafirmação das mulheres negras. A conexão de Maria Mulambo com a Calunga Pequena, em particular, ilustra a importância dos espaços de transição e transformação dentro dessas práticas espirituais.

A presença de Maria Mulambo nos rituais e sua atuação como mediadora entre o mundo material e o espiritual não só desafia normas estabelecidas, mas também reafirma o papel vital das mulheres negras na construção de novos paradigmas culturais e sociais. A manifestação dessa entidade espiritual representa uma forma de resistência contra a marginalização e a opressão, refletindo uma visão de empoderamento e autonomia. Ao abordar a relação do ser-existir e continuidade das Pombagiras, dando destaque a Dona Maria Mulambo como exemplo, este estudo contribui significativamente para a compreensão das complexas interseções entre religião, cultura e identidade racial e de gênero.

Além disso, a pesquisa aponta para a necessidade de mais investigações que explorem as dinâmicas específicas das entidades espirituais afro-brasileiras e a sua influência na vida das comunidades afro-diaspóricas. O aprofundamento desses estudos pode revelar novos aspectos da interseção entre espiritualidade, resistência e empoderamento, ampliando a compreensão das práticas e crenças que moldam a identidade afro-brasileira. A análise das práticas e narrativas

associadas a essas entidades oferece *insights* valiosos sobre como as tradições afro-diaspóricas podem promover resistência e renovação, e como elas desempenham um papel essencial na formação de novos paradigmas culturais e sociais.

Em última análise, Pombagira e outras figuras semelhantes não apenas contribuem para o entendimento acadêmico das religiões afro-brasileiras, mas também enriquecem o debate sobre a representação e o empoderamento feminino nas narrativas afro-diaspóricas presentes no cotidiano de cada comunidade que as cultua enquanto ancestrais. Ao valorizar a resistência e a transformação associadas a essas entidades, este estudo fortalece o reconhecimento do papel e a energia vital dessa falange de grandes senhoras que retornam, semeando ensinamentos de dignidade, respeito e autonomia, baseadas nos arquétipos e reminiscências de mulheres negras.

*Mulambo foi você quem falou que gostava de mim.
Maria Mulambo quando você for embora,
quando você for embora,
deixe uma rosa pra mim.*

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. *Da escravidão à ditadura, esquecimento é marca do Brasil*. Entrevista à Folha de São Paulo, 10 de agosto de 2019. Disponível em: <http://abre.ai/daescravidaoaditadura>. Acesso em: 31 de Julho de 2024.
- CORREIA, Bruna dos Santos. Exu-feminina: sentido e erotismo em Maria Padilha de Bixarte. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 19, n. 2, p. e62737p, 2024.
- CUNHA PAZ, Eliseu; PESSANHA, Luis Augusto Ferreira; SARAIVA, Luis Augusto Ferreira. Na travessia o negro se desfaz: vida, morte e memória, possíveis leituras a partir de uma filosofia africana e afrodiaspórica. *Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 110-127, set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39949>. Acesso em: 31 de Julho de 2024.
- BITETI, Mariane de Oliveira. Morte e Vida Pombogira. *Abatirá: Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, v. 2, n. 4, p. 101-114, 2021.
- GLOVER, Kaiama L. Sylvia Wynter: On Being Human As Praxis. *Contemporary Women's Writing*, v. 10, n. 1, p. 145-147, mar. 2016.
- MARCONDES, Ciro. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. São Paulo: Paulus, 2010.
- NANCY, Jean-Luc. *A comunidade inoperada*. Tradução de Soraya Guimarães Hoepfner. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo*

Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. 2008. 213 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OYEWÚMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. University of Minnesota, 1997.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, a flecha que rasura o tempo. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2019.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2002.